



# revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

## PORQUE VAMOS À IGREJA?

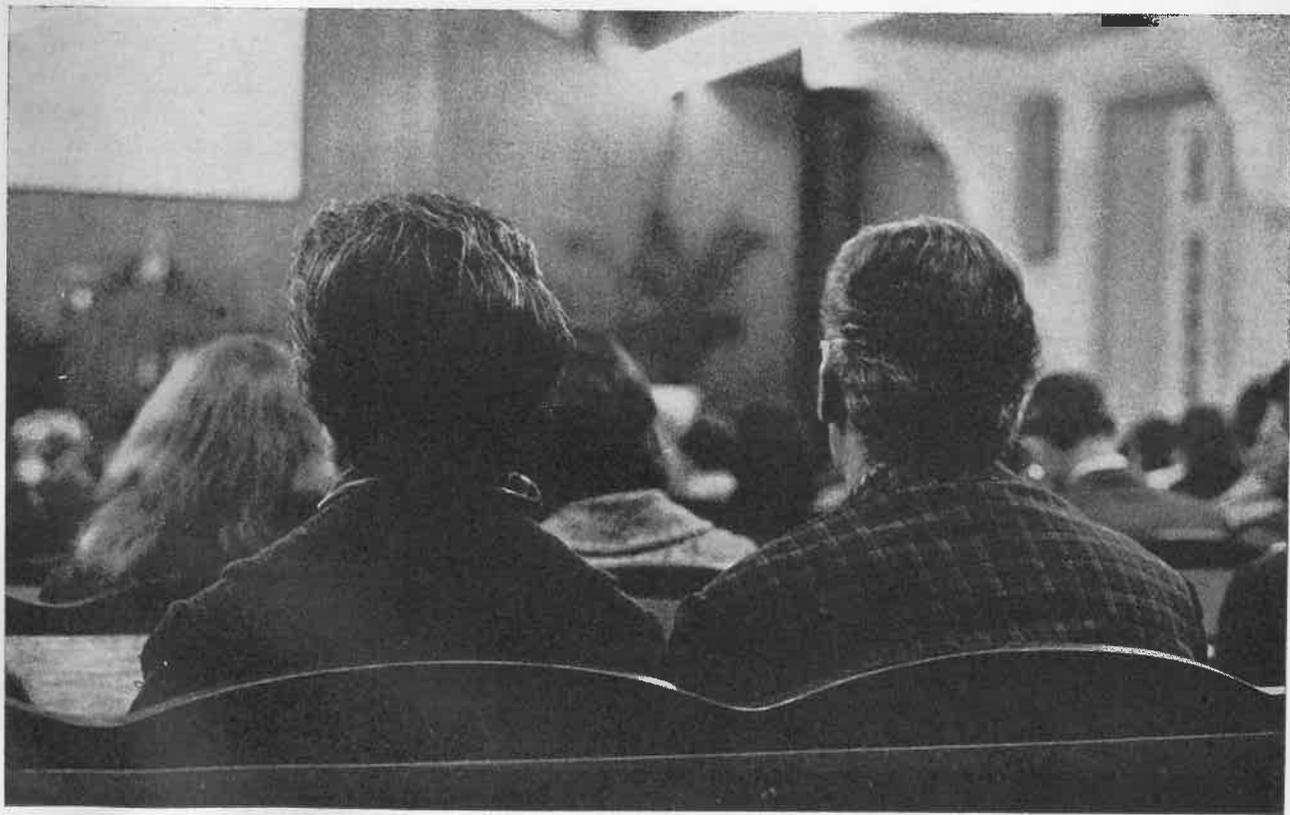
Por JERRY M. LIEN

Alguns vão à igreja para satisfazer uma necessidade social; outros vão para ouvir o pregador. Nenhuma destas razões deve ser a básica.

UM DOS MEUS ALUNOS FAVORITOS era um garoto rechonchudo, cheio de vida, a quem afectuosamente chamávamos Dalie. Lembro-me do papel que ele desempenhou num programa de Natal que era o grande acontecimento da aldeia onde o meu trabalho consistia em ensinar sozinho as oito classes da escola primária. Mesmo no final do programa ele foi recitar uma poesia. Olhando para a árvore de Natal carregada de presentes, a grande caixa de maçãs e os sacos de rebuçados e de nozes, teve a seguinte espontânea observação: «Final o que estamos aqui a fazer? Estamos aqui por causa dos presentes que estão na árvore, e quanto mais depressa os recebermos melhor!»

Gostaria de filosofar e teologizar acerca da profunda pergunta de Dalie, aplicando-a ao culto do Sábado de manhã. «Final o que estamos aqui a fazer?» Qual é a razão por que vamos à igreja?

(Continua na página 4)



# “estai vós apercebidos”

## Crescimento dos Mórmones na Inglaterra

SALT LAKE CITY — O número de crentes mórmones na Inglaterra quase decuplicou durante os últimos dezasseis anos e Londres tornou-se uma das zonas de maior crescimento daquela Igreja. A primeira diocese formou-se em 1961, quando havia 2500 membros na capital britânica. A segunda estabeleceu-se em 1970, quando havia já 7000 membros. Presentemente o número de membros cresceu para 10 000 e Londres é a primeira cidade fora dos Estados Unidos a ter três dioceses mórmones. Mas o total de membros da Igreja Cristã dos Santos do Último Dia (a Igreja mórmon) na Inglaterra é de 80 000. Têm naquele país 1600 missionários e 250 igrejas e capelas. Começam todas as semanas a trabalhar para abrir uma igreja nova num lugar diferente.

(Ministry)

## Um Cardeal Acusa os Cristãos de Descrença no Espírito Santo

NOVA IORQUE — Se existe um problema grave na Igreja Cristã de hoje, é o de «não acreditarmos com suficiente convicção na presença do Espírito Santo nas nossas vidas», disse o Cardeal Leo Joseph Suenens, da Bélgica. Salientou que os carismas ou «dons do Espírito Santo» concedidos à Igreja Cristã primitiva, tidos como exclusivo de «santos e místicos» através dos séculos, «estão hoje regressando à consciência cristã». Disse ainda: «Um novo Pentecostes ... está hoje diante dos nossos olhos.» E declarou que isto se manifesta significativamente no renascimento carismático, o qual está ajudando a restabelecer o equilíbrio entre as dimensões espirituais e institucionais da Igreja.

(Ministry)

## A Igreja de Inglaterra Agora Mais Antónoma

LONDRES — A Câmara dos Comuns inglesa votou uma lei tendente a reformar as relações entre a Igreja e o Estado. Com a nova legislação a Igreja de Inglaterra adquirirá autonomia em assuntos eclesiásticos, embora subsistam os históricos laços com o Estado. O monarca continua a ser o governador supremo e o primeiro-ministro continua a designar os bispos. Porém os oficiais eclesiásticos podem agora reformar a doutrina e a liturgia sem a aprovação do Parlamento.

(Signs of the Times)

## A África como Centro da Cristandade

NOVA IORQUE — Quando as potências coloniais, há 10 ou 15 anos, começaram a retirar-se da África, alguns dirigentes religiosos perguntaram: «Poderá o Cristianismo sobreviver na África independente?» A resposta é um enfático «Sim», especialmente no Quênia, segundo um missionário que é também especialista em religião na África.

«A pergunta mais importante é hoje se o centro de gravidade do Cristianismo mundial não se está efectivamente deslocando da América do Norte e da Europa para a África», diz o Dr. Malcolm J. McVeigh. O iminente clérigo metodista crê que a actual situação no Quênia e noutros lugares indica fortemente que o centro da Cristandade se está a mudar para a África.

(Ministry)

## 2500 Bíblias Distribuídas a Cristãos Romenos

SPRINGFIELD — Dirigentes pentecostais romenos confirmam que uma remessa de 2500 Bíblias enviadas pelas United Bible Societies (Sociedades Bíblicas Unidas) chegou em segurança a Bucareste. A confirmação foi feita por dirigentes da Cultul Pentecostal, Biserica lui Dumnezeu Apostolica — o equivalente na Roménia às Assembleias de Deus. Esta última organização na América lançou uma campanha para recolha de fundos chamada «Bíblias para a Europa Oriental», destinada a ajudar a Sociedade Bíblica Americana a continuar a fornecer Bíblias para a Polónia, a Checoslováquia, a Hungria, a Roménia, a Bulgária, a Jugoslávia e a Rússia. As Bíblias foram enviadas legalmente, com o conhecimento e a autorização do Governo da Roménia.

(Ministry)

## O Preço da Intemperança

WASHINGTON — O deputado americano William F. Goodling declarou publicamente que a embriaguez é a causa de uma terça parte de todas as prisões executadas anualmente nos Estados Unidos. Acrescentou que metade de todos os crimes de homicídio e um terço de todos os suicídios estão relacionados com o uso do álcool; que o álcool está implicado em metade de todos os acidentes rodoviários; e que pelo menos 10 milhões de americanos tiveram durante o ano passado problemas relacionados com o álcool.

(Listen)

## SUMÁRIO

Porque vamos à igreja?  
«Estais vós apercebidos»  
Página Editorial — 1976?  
Outros podem, mas tu não  
O monumental «Conflito»  
Quanto vale a educação dos nossos filhos?  
História do Mês  
Amabilidade — Um precioso dom esquecido  
Investigação provocada pelo estudo da Escola Sabatina  
Da trincheira de sangue ao baptistério da Igreja Adventista  
Fim duma carreira — Irmã Lydia Madsen  
Uma escola de igreja porquê?  
Notícias do Campo  
Caixa de Perguntas  
Breves Notícias do Mundo Adventista

revista  
**adventista**

ORGAO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SETIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

JANEIRO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 352

Director: ANTÓNIO SIMÕES  
LOPES BAIÃO

Administrador:  
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO  
S. A. R. L.

Redacção:  
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
LISBOA

Administração:  
RUA SALVADOR ALLENDE,  
LOTE 18, 1.º  
S A C A V É M

Composto e impresso na  
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.  
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

### Preços:

Assinatura Anual: 50\$00  
Número avulso 5\$00  
Estrangeiro 70\$00

# 1976?

AO COMEÇAR um novo ano é provável que a maioria deseje que ele seja melhor do que o transacto. Que nos traga mais paz, mais amor, mais pão, mais felicidade. Vivemos, todos o sabemos, dias difíceis, negras nuvens escurecem o horizonte da nossa existência e por isso sentimos uma certa ansiedade quanto ao dia de amanhã! Que nos reserva este ano? Há realmente muita coisa que nos está encoberta, é certo, mas por outro lado, para os que estão atentos ao desenrolar de todos os acontecimentos que nos rodeiam, não há dúvidas de que nos aproximamos de «tempos trabalhosos».

Creio que o mais importante para cada um de nós, como filhos de Deus, não é tanto desejar a paz, o amor, o pão, a felicidade, embora reconheça que são justos anseios, mas é sobretudo estar preparados para todas as eventualidades que este ano possa colocar diante de nós.

Estou certo de que nestes tempos trabalhosos que temos de viver, ante esta onda de violência, intolerância e ódio que nos está submergindo, o melhor que podemos desejar é estar prontos para enfrentar todos os acontecimentos com uma fé inabalável nas promessas divinas. Para tal temos de intensificar a nossa experiência cristã através de um contacto pessoal e constante com o nosso Deus. No meio deste mundo materialista e incrédulo que está forçando a porta da Igreja e o nosso próprio coração, somos convidados a volvermo-nos para Deus e procurar ter um encontro pessoal com Ele.

Lembro-me da experiência do profeta Ezequiel, que já na sua época teve também de enfrentar momentos difíceis. Ele vivia no meio de «rebeldes», homens e mulheres que não criam em Deus, nem desejavam ouvir as suas advertências. O seu trabalho com essa geração, que à imagem da nossa também era injusta e indiferente, era difícil e desanimador. A ordem de Deus era clara: «Mas tu lhes dirás as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes.» Ezequiel 2:7. Esta situação é semelhante à nossa ao iniciarmos 1976. Poucos querem ouvir a Deus. A maioria vai após outros deuses, em especial o «materialismo» e o «prazer». Nós somos também tentados a deixar a nossa vocação e, por vezes desanimados, desencorajados e tristes, temos a tendência de seguir também, embora a certa distância, esses deuses do nosso século.

Poderemos, no entanto, nós, no meio de toda esta incredulidade e loucura humana, encontrar a verdadeira paz de espírito e força moral e espiritual que necessitamos para realizar a nossa obra e «estar de pé» para a vinda do Senhor Jesus? Esta pergunta preocupa-me por mim e por vós.

A solução está em nos volvermos para Deus; na Sua força, no Seu amor, na Sua paz, na Sua protecção encontraremos tudo o que necessitamos, não só para este ano mas igualmente para o resto da nossa peregrinação terrena.

Necessitamos hoje mais do que nunca de fazer uma experiência real e pessoal com o Senhor. Ezequiel reconheceu essa necessidade de se encontrar a sós com o Altíssimo, sobretudo de ouvir a Sua voz. Esta é a nossa grande necessidade: no meio deste mundo poluído de barulho, fazer silêncio à nossa volta e sobretudo em nós mesmos para que a voz de Deus se nos torne audível.

Em Ezequiel 3:22 é-nos dito que a «mão do Senhor» estava sobre o profeta. Temos de sentir a mão de Deus a dirigir-nos a nós mesmos e à nossa vida; só assim estaremos realmente seguros e salvos. Mas onde guiou a «mão de Deus» o profeta? A resposta é clara: «Levanta-te, sai ao vale e ali falarei contigo». É interessante ver quantas vezes encontramos na Bíblia esta expressão «levanta-te». Uma pessoa deitada, fora do período normal do sono, é por certo alguém que se encontra triste, desanimado ou doente. Lembremos o paralítico a quem Jesus diz: «Levanta-te e anda».

Temos de nos levantar da nossa indiferença, desânimo ou tristeza, ou ainda das nossas enfermidades espirituais, dos nossos pecados. Procuremos o Senhor em oração silenciosa, mais dispostos a ouvir do que a falar, a fim de poder ouvir e assim aceitar e responder às palavras divinas. Por vezes necessitaremos de nos isolar a sós no nosso lar ou no campo. Ezequiel saiu «ao vale» e ali Deus prometeu: «Falarei contigo». O Senhor quer hoje de igual modo falar connosco e o resultado será o mesmo que foi com o profeta: «Então entrou em mim o espírito e me pôs em pé».

O que necessitamos para o nosso êxito em 1976 é, na realidade, esta comunhão, ouvindo a Sua voz, recebendo o Seu Espírito e ficando de pé para enfrentar corajosamente e com fé tudo o que nos sobrevier, na certeza de que será para nosso bem.

Que o Senhor vos abençoe e vos guarde durante 1976!

A. BAIÃO

# PORQUE VAMOS À IGREJA?

A nossa teologia do presente, centralizada na própria pessoa, parece mais interessada nos nossos sentimentos, nos nossos desejos, nas nossas necessidades, que no privilégio de nos deixarmos absorver pela Divindade. Fala-se muito de modificações e inovações nos cultos da igreja; reuniões em pequenos grupos para o culto através do canto, do verso ou do diálogo. Precisamos de mais coisas deste género; precisamos de estudar mais; mas também precisamos de apreciar o privilégio e a necessidade de associação para adorar o Deus Eterno. Precisamos de nos reunir no companheirismo dos que receberam o perdão, na comunhão dos que foram chamados. Precisamos de nos perder numa congregação, de nos sentirmos parte do corpo de Cristo, a Sua Igreja.

Precisamos de fazer a nós mesmos a pergunta: «Porque vou eu à igreja?» É o culto apenas uma ocasião social agradável, para se aproveitar quando nada de mais sedutor se apresenta? Deve a assistência ao culto depender do nosso capricho, da disposição transitória de determinada manhã, da capacidade de certo orador para atrair a atenção? Ou é a assistência o privilégio de adorar o Deus vivo?

Como pastor, preocupo-me com a assistência regular dos membros da minha igreja, por uma correcta filosofia do culto, e por uma convincente teologia do culto, mas há mais Alguém que também se preocupa — Deus. «Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros, e tanto mais quando vedes que se vai aproximando aquele dia» (Heb. 10:25).

Não vou fazer a apologia da importância do serviço de culto. Isso seria a mesma coisa que uma formiga a procurar defender um leão. O culto do corpo dos cristãos em associação está defendido pelo preceito e pelo exemplo. Encontram-se numerosas declarações categóricas no legado especial do Senhor ao Seu povo remanescente. **Testemunhos** (em inglês), Vol. 4, pág. 539: «Muitos têm cometido um grave erro negligenciando assistir ao culto a Deus.» **The Ministry of Healing**, pág. 511: «Os privilégios do culto divino não devem ser considerados levemente.» **Patriarcas e Profetas**, pág. 578: «Incorremos em perda quando negligenciamos o privilégio de nos associarmos, a fim de fortalecer-nos e encorajarmos uns aos outros no serviço de Deus.» **Testemunhos** (em inglês), Vol. 6, pág. 368: «Deus ensina-nos que devemos reunir-nos na Sua casa para cultivar os atributos do perfeito amor. Isto tornará os

habitantes da Terra aptos para as mansões que Cristo foi preparar para todos aqueles que O amam.»

## A Teologia do Culto

Neste artigo parto do princípio de que a frequência às reuniões da igreja é importante, necessária, e que traz uma bênção. Faço-o baseado na autoridade da Palavra de Deus, no exemplo de Jesus e na multiplicidade do conselho divino. Mas quero ir além destes aspectos. Quero investigar a filosofia e a teologia do culto.

Porque vamos à igreja? Alguns vão para satisfazer uma necessidade social; outros vão para ouvir um sermão; e outros vão para adorar Deus. Talvez o Irmão lá vá para satisfazer uma necessidade social. É uma boa razão. Fortalecemo-nos e encorajamo-nos uns aos outros quando participamos no culto como experiência social. O culto público não é um dispositivo artificial inventado por uma classe sacerdotal para manter o povo sob a sua influência. Dado que as pessoas são seres sociais, o culto não pode ser dispensado. É um exercício total, completo, do companheirismo cristão.

No entanto, ir à igreja para satisfazer uma necessidade social é apenas **uma** razão, não é **a** razão. Um dos actuais problemas é que o protestante médio pensa na sua frequência à igreja como um assunto social em vez de uma ocasião para se aproximar de Deus. Dá mais importância à relação «horizontal» do que à relação «vertical». É por essa razão que no tempo dos pioneiros (e ainda hoje) o Senhor adverte contra a prática de assistir às reuniões por simples prazer e excitação emocional (ver **Testemunhos** (em inglês), Vol. 1, pág. 412). É por isso que Ele adverte contra cochichar, rir e conversar na casa de Deus (**Testemunhos** (ingl.), Vol. 5, pág. 492). É por isso que Ele adverte contra cochichar e conversar durante o sermão (**Mensagens aos Jovens**, págs. 265, 266). É por isso que Ele adverte contra atitudes e maneiras de vestir inapropriadas no serviço do culto (**Testemunhos Selectos**, Vol. II, pág. 201). É por isso que Ele adverte contra a falha de não reconhecer que até a bênção final é uma parte importante do culto do Sábado (**ibid.**, Vol. II, pág. 196). E é por isso que Ele adverte contra sair apressada, descuidada e ruidosamente da Sua presença no Seu santuário (**ibid.**).

Ir à igreja para satisfazer uma necessidade social é uma razão boa, mas devemos evitar que ela se transforme na única razão.

**Idealmente, o culto é um instrumento que nos ajuda a compreender Deus, o mundo e a nós mesmos a um nível mais profundo. É uma experiência pela qual podemos exprimir o nosso amor a Deus.**

(Continuação da página 1)

Além disso, vamos à igreja para ouvir um bom sermão, ou, como é hábito dizer-se, para ouvir o pregador? Também isto é justo. O sermão é tremendamente importante no culto protestante. É o ponto culminante do serviço de culto. É o sacramento de distribuir a Palavra de Deus. No plano divino, a pregação é um elemento essencial na actividade salvadora.

A pregação tem uma tradição honrosa na história cristã.

### **Um Sermão é a Revelação do Próprio Deus**

Pode dizer-se que uma pregação consagrada, repleta do Espírito, é o próprio Deus a trabalhar directamente com a humanidade. No plano divino, um sermão não é simplesmente alguns bons conselhos dados por uma pessoa de bem. Não é meramente uma lição teológica ou bíblica, um comentário sobre os acontecimentos actuais. Em vez disso, um sermão é Deus que Se revela, buscando atingir-nos e pedindo uma resposta nossa.

É interessante notar que a mensageira do Senhor denuncia tanto a atenção formal como a pregação formal, os ouvintes indiferentes como os pregadores indiferentes. «O Senhor quer que os Seus ministros, que Lhe pregam a palavra, sejam possuídos da energia do Seu Santo Espírito; e o povo que ouve não ficará sentado em sonolenta indiferença, ou olhando vagamente de um lado para outro, sem corresponder ao que é dito.» — **Testemunhos Selectos**, Vol. II, pág. 111. No mesmo teor aparece a admoestação: «A atitude indiferente dos crentes na casa de Deus é um dos grandes motivos por que o ministério não acusa maiores resultados.» — **Ibid.**, pág. 195.

Se vamos à igreja unicamente para ouvir o pregador, temos apenas um conceito limitado daquilo em que consiste o culto a Deus. Além disso, não é justo exercer deste modo uma grande pressão sobre o pregador. Se o culto é a actuação de uma pessoa, o ministro sente-se tentado a esforçar-se por ser um artista, uma estrela, a fazer uma exibição de retórica, a produzir uma sensação por semana.

Ao investigar cuidadosamente este meu assunto, concluí que Deus requer dignidade, forma, beleza e reverência no serviço do culto. As coisas sagradas e eternas nunca deveriam ser colocadas ao mesmo nível das profanas (**Testemunhos Selectos**, Vol. II, pág. 201). Nada do que diz respeito ao culto deve ser tratado com descuido ou indiferença (**Mensagens aos Jovens**, págs. 265, 266). Os modos, o vestuário

e o comportamento são tremendamente importantes na igreja (**Testemunhos Selectos**, Vol. II, pág. 201). O serviço do culto não é uma simples reunião com os amigos. A preparação não deve ser feita ao acaso, na última hora, superficial, mas deve ser tão perfeita quanto possível (**Evangelismo**, pág. 277). Os instrumentos musicais devem ser utilizados com competência (**Obreiros Evangélicos**, pág. 357). Não deve haver excitação dos sentimentos (**Testemunhos Selectos**, pág. 161).

### **Deve Haver Ordem no Culto**

Tudo isto se inclui na injunção escriturística de I Coríntios 14:40: «Faça-se tudo decentemente e com ordem.» Os adventistas do sétimo dia devem ter o cuidado de não confundir decência com frieza, ordem com ritualismo. «A vontade de Deus é que todas as partes do Seu culto sejam conduzidas de maneira ordenada, decorosa, o que impressionará os estranhos que estejam presentes bem como os frequentadores habituais, com o elevado e enobrecedor cunho da verdade e seu poder de purificar o coração.» — **Evangelismo**, pág. 207.

Precisamos de saber porque vamos à igreja! A razão básica tem de ser a adoração a Deus. Precisamos de compreender e apreciar as nossas reuniões do Sábado de manhã, tendo um conceito correcto da experiência do culto. Idealmente, o culto é um instrumento que nos ajuda a compreender Deus, o mundo e a nós mesmos a um nível mais profundo. É uma experiência pela qual podemos exprimir o nosso amor a Deus, o nosso desejo de Lhe render homenagem o nosso privilégio de rededicação e reconsecração. Conquanto nenhuma forma específica tenha sido pormenorizadamente dada para o culto no Novo Testamento, cada parte desse culto tem um significado. Como disse uma vez o Dr. Wilber Alexander da Universidade de Loma Linda numa convenção ministerial, «Subimos degrau a degrau a escadaria do altar até entrar na sala do trono da Divindade. Então inspirados, repletos, fortalecidos, revigorados, voltamos a descer a escada com Jesus e saímos para testemunhar pela vida e pela palavra.»

Quando sairmos do santuário, no próximo Sábado, após o culto da manhã, não deveremos ter meramente participado numa actividade social, não deveremos ter meramente escutado um sermão; em vez disso, deveremos ter adorado a Deus, e ter sido preparados para fazer viver o espírito da verdadeira adoração.

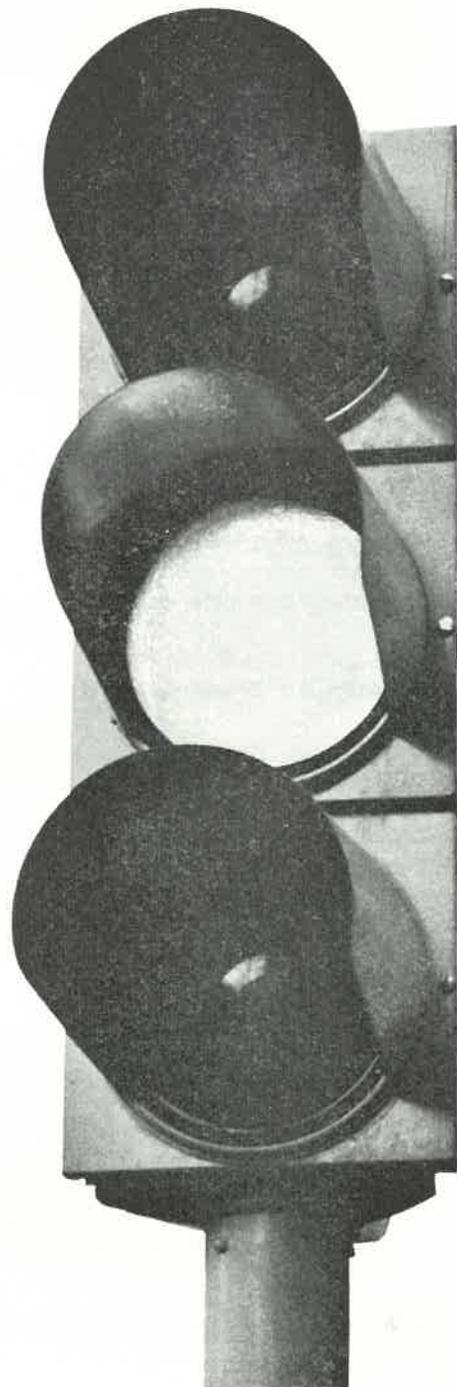
# OUTROS PODEM MAS...

QUANDO LI pela primeira vez as palavras «Outros podem, mas tu não», senti-me indignada. Estavam impressas num folheto publicado pelo Departamento M. V. com esse título. Porque haveriam outras pessoas de poder fazer certas coisas que para elas estariam correctas e para mim erradas? De certeza que não podia ser assim. Não se me entrava na cabeça! Se uma coisa era errada, tinha que ser errada quer a fizesse eu própria quer a fizesse outra pessoa. Não era verdade? Pois bem, aprendi através dos anos que o meu raciocínio não estava inteiramente correcto, embora tenha acreditado nele durante muito tempo.

Entretanto, vi por acaso um artigo que declarava tomar Deus em consideração a experiência duma pessoa quando trata com ela ou a julga. Voltei a recordar-me das palavras «outros podem, mas tu não». Comecei a divisar um pouco do seu possível significado.

Através dos anos eu tinha visto exemplos de amigos ou conhecidos que pareciam não sentir quaisquer escrúpulos de fazer certas coisas que para mim eram erradas. E devo admitir que às vezes quando aquelas palavras me vinham à mente, sentia uma certa amargura, especialmente quando se tratava de qualquer coisa que eu tinha realmente vontade de fazer.

Um dia, tinha eu acabado de estudar a minha escola sabatina e estava sentada no sofá a repousar quando me lembrei que eram horas de começar um programa de TV favorito. Eu tinha sempre visto aquele programa desde a primeira vez que fora transmitido. Achava que era um programa decente. O enredo em si mesmo não era grande coisa, e se não fosse eu gostar de ver a actriz que era a estrela do filme, nunca me teria prendido a atenção.



# ...TU NÃO

Depois de acender o écran, instalei-me confortavelmente, na antecipação duma agradável e divertida meia hora. Então foi como se tivesse ouvido uma voz dizer-me: «Não deves ver isso.»

Compreendi que era a voz da minha consciência, ou uma voz vinda de cima que falava à minha consciência. Instantaneamente respondi: «Está bem, não vejo», e desliguei a televisão. No entanto, durante o resto do serão e de vez em quando durante os dias que se seguiram, fui pensando no género daquele programa, tentando compreender por que razão não devia vê-lo.

Alguns dias depois, ouvi alguém dizer na escola onde eu trabalhava: «Há três programas que não consentimos que as nossas crianças vejam.» Quando saiu a pessoa a quem a palavras tinham sido dirigidas, perguntei: «Importa-se de me dizer os nomes dos três programas de que estavam a falar?» «Com certeza», foi a resposta; e então mencionou os respectivos nomes. Os dois primeiros, só os vira uma ou duas vezes, mas o terceiro era o tal que eu via regularmente. Todos eles mostravam cenas sobrenaturais.

«Porquê?» perguntei interessada.

«Bem, temos lido ultimamente no **Grande Conflito** acerca dos acontecimentos dos últimos dias,» respondeu ela. «E depois de lermos a maneira como Satanás fará milagres que quase serão capazes de convencer os escolhidos, e depois como se transformará a si mesmo em anjo de luz, o meu marido e eu falámos acerca desses programas que mostram coisas sobrenaturais. Pensámos: Porque haveremos de habituar as crianças a ver estas coisas irreais, de maneira que quando vierem a acontecer as reais, tenham dificuldade em diferenciar umas das outras?»

O argumento fazia sentido, particularmente para as crianças durante os primeiros anos de formação, pensei. Eu era um adulto. Isto não se aplicava a mim. Mas subitamente, como um raio, surgiu-me no espírito a memória duma cena ocorrida alguns anos antes.

## Influência da TV

Como aconteceu com todos os americanos, eu estive praticamente colada ao aparelho de televisão durante o tempo todo, salvo as horas do sábado, quando foi assassinado o Presidente Kennedy. Recordei a cena em que os polícias iam levando Lee Oswald na direcção dum carro que esperava e como Ruby se adiantou e disparou sobre ele. Também me lembrei de como foram necessários vários longos segundos antes de pensar finalmente: «O que estou a ver é mesmo uma morte! Isto é real!»

Porque precisei de tanto tempo para me convencer? Porque me tinha habituado a ver pessoas morrerem muitas vezes na TV, pessoas que depois apareceriam noutras cenas em próximas ocasiões. Então compreendi que o que aquela mãe tinha dito era verdade. E pude compreender também a razão

por que não deveria continuar a ver filmes baseados em coisas ocultas.

Queria então dizer que as outras pessoas que viam aqueles filmes não eram cristãs? Nem por sombras tal pensamento podia ser admitido. Como poderia eu saber, eu que nada sabia acerca dos seus corações? No entanto, a frase «outros podem, mas tu não» começou a tomar um sentido mais definido.

Noutra ocasião, ia mostrar-se determinado filme no colégio. Eu tinha lido o livro e gostado, e agora sentia muito interesse em ver o filme num lugar conveniente.

Apesar disso, note-se, quando ouvi dizer que um certo casal crente muito respeitável, a quem todos apreciavam na nossa comunidade, também ia ver aquela produção de Hollywood, fiquei escandalizada durante um momento. Depois veio-me o pensamento: Bom, porque não? É uma história verdadeira, boa e decente.

No entanto, uma ou duas noites antes da projecção, eu estava em casa a trabalhar e ao mesmo tempo a pensar naquele programa, quando novamente uma voz me disse: «Na realidade não devias ir ver aquilo.» Desta vez houve uma certa luta antes que me resolvesse a dizer: «Está bem, Senhor, não irei.» Na noite em que o filme foi passado senti um certo desgosto por não estar presente com as outras pessoas, mas logo me passou quando me lembrei de que devia haver uma boa razão, porque eu sabia que o Senhor nunca nos pede arbitrariamente que renunciemos a qualquer coisa.

Até hoje ainda não sei a razão daquela renúncia, a não ser que tenha sido a de que alguém pudesse escandalizar-se vendo-me assistir num colégio a um filme que eu própria não iria ver num teatro. Saberei um dia porque muitos outros bons cristãos podiam assistir e eu não — e porque de novo se aplicavam a mim as palavras «Outros podem, mas tu não».

## Outro «Não podes»

Recentemente um sobrinho meu veio com a esposa à cidade onde vivo, para visitar os pais e alguns parentes, incluindo eu própria. Na visita que me fizeram, convidaram-me para um jantar chinês no dia seguinte às sete horas da tarde, ao qual haveria mais 25 ou 30 convidados. Senti-me deliciada com o convite e aceitei.

Durante a noite, no entanto, acordei preocupada com as palavras «Lembra-te do dia de Sábado. Por um momento não percebi porquê. Lembrei-me então de que o dia seguinte era Sábado e, como no lugar onde vivo o Sol se põe depois das oito horas, ainda seria Sábado quando nos reuníssemos todos. E apenas uns poucos dos parentes eram adventistas.

«Mas, Senhor», raciocinei, «posso dar testemunho de Ti naquele lugar e, além disso, não sou eu que encomendo nem pago a despesa. Eles não vão compreender se lhes disser que não posso ir. Sei que marcaram o encontro para uma hora tardia, a

pensar que isso conviria melhor para os que somos adventistas.»

«Mas ainda é Sábado. E sabes que haverá gracejos, fumo e tudo menos uma atmosfera de Sábado naquele restaurante. Poderás conservar ali a paz do Sábado e fazeres o teu culto quando terminar o dia ou até mesmo saber quando ele termina?»

«Bem, talvez não, Senhor, mas Tu não rejeitaste convites para jantar quando estiveste na Terra», murmurei.

«Mas como Eu vivia com judeus, os banquetes não se faziam durante as horas do Sábado», era a resposta que me parecia ouvir.

Finalmente caí de novo num sono agitado. Durante todo o dia seguinte a batalha continuou. Num certo minuto eu estava perfeitamente decidida a não ir, mas no minuto seguinte revoltava-me e pensava em muitas outras razões para não recusar o convite.

A certa altura, já durante a tarde, veio-me o pensamento da auréola que a Sr.<sup>a</sup> White viu circundando o quarto mandamento quando lhe foi mostrada a lei de Deus dentro da arca no Céu. Lembrei-me também de que a lei de Deus era a personificação do Seu carácter e de que, caso ela pudesse de qualquer modo ser modificada, teria sido evitável a dolorosa morte de Jesus. Vieram-me igualmente à memória histórias de militares enfrentando o julgamento e possivelmente a morte para não profanarem o Sábado.

### Não olhes para trás

«É assim tão difícil obedecer?» perguntou uma voz cheia de tristeza. «Sabes que nunca te peço nada sem te dar a força para o fazeres? Sabes que ninguém que pega no arado e olha para trás é digno de Mim?»

No íntimo eu queria fazer o que Ele pedia, mas sentia-me tão humana. Também desejava estar naquele jantar e gozar a companhia dos meus parentes.

Pensei desta maneira: Porque não avançar? Quando tudo estiver terminado podes fazer como fez David e pedir perdão. Lembrei-me de como David havia pecado em relação a Bateba e o marido, e ninguém me podia garantir que não o fizera deliberadamente, porque segundo a Bíblia a consciência de David era muito sensível a Deus e ele teria forçosamente ouvido uma delicada voz dizer-lhe que estava agindo de maneira errada, errada! No entanto, depois de tudo se ter passado, Deus perdoou-lhe. Porque não a mim, se eu também fosse para a frente?

Outro pensamento atravessou o meu espírito: Se eu avançasse e fizesse o que desejava, seria com absoluta premeditação. Talvez Deus perdoasse, talvez não. Estaria disposta a arriscar? Mas acima de tudo, queria passar pela experiência de Pedro quando, depois de negar o Mestre, olhou para os olhos de Jesus e viu neles uma intensa tristeza — apesar de um profundo amor — e teve a consciência de ser o causador daquele sofrimento?

Era isso que eu queria? Sabia que não.

É verdade que soltei uma ou duas lágrimas depois de ter voltado a pôr o auscultador do telefone no seu lugar, mas apeguei-me à promessa: «A Minha paz vos dou... Não se turbe o vosso coração.» No mundo da minha vida todas as coisas retomaram a sua ordem quando a batalha chegou ao fim — e a paz não se fez esperar.

Muitos não hão-de compreender a razão por que eu não poderia ter ido. No meu lugar, muitos teriam podido ir com uma consciência tranquila. Apenas o que sei é que eu não pude, e de novo surgem com todo o seu impacto as palavras: «Outros podem, mas tu, não!»

### A podadura não é fácil

Um dia estava a ler um livro da Sr.<sup>a</sup> White, em que ela menciona o facto de não devermos demorar-nos sobre coisas que nos rodeiam, como a violência e o crime. O Espírito Santo começou então a trabalhar noutro aspecto da minha vida.

Há muito tempo que eu tinha deixado de ler histórias misteriosas, depois de haver descoberto que isso se estava a tornar quase um vício. Dado que havia feito uma quantidade de estudos durante os últimos anos, reparei que pusera também de parte um bom número de programas de TV que antes havia apreciado, mas ainda via alguns programas policiais dos menos violentos. Embora eu achasse que estava a ser bastante judiciosa, o Espírito Santo sabia que eu ainda não tinha progredido suficientemente.

Assim me encontrei a eliminar, um por um, até mesmo estes programas melhores. Não foi sempre fácil, mas quando a revolta estava prestes a rebentar, o Espírito ou apresentava as coisas sob uma luz diferente ou «fazia uma pausa» até que eu me acalmasse e tivesse uma melhor perspectiva.

Embora este processo de podadura nunca tenha sido fácil e muitas vezes se tenha acompanhado de lágrimas e revolta por ter de «renunciar a tanto», sinto-me grata a Deus porque ele ainda o continua em mim a fim de me fazer apta para a Sua companhia e dos Seus anjos.

No entanto, quando tenho ido a casa de outros cristãos e visto que desfrutam alguns dos programas que já não posso ver, admito que tenho sido tentada, do mesmo modo que o foi Pedro depois de haver sido reintegrado como apóstolo, quando perguntou: «Senhor, e deste que será?» Mas logo me domino, porque não quero ouvir a reprovação de Jesus: «Que te importa a ti?»

E fico a pensar na força destas palavras: «**Outros podem (talvez), mas tu (de certeza) não.**»

# O MONUMENTAL

## “CONFLITO”

HÁ MUITOS ANOS ATRAS, quando militava ainda nas fileiras de Roma e era então fervoroso congregado mariano, li numa revista católica, intitulada «Ave Maria», um candente artigo do Padre Ascânio Brandão. O assunto girava em torno de um livro que ele acabara de ler e que dizia estar eivado de erros doutrinários e de heresias, que poderiam vir a corromper a fé dos incautos e desprevenidos. De maneira que o bom vigário, como fiel pastor do rebanho, estava nesse referido artigo criticando acerbamente a obra e advertindo os fiéis do perigo que esse livro representava. De tudo que o padre escreveu, nunca me esqueci das palavras que ele usou como introdução: «Acabo de ler — dizia o padre — a gema do Protestantismo: O Conflito dos Séculos».

Como católico praticante, guardei no index da memória o nome da condenada obra para que, encontrando-a, pudesse evitar o contágio.

Os anos passaram-se. A advertência do cura caiu no esquecimento. Nesse interim a Bíblia veio às minhas mãos. A mensagem do advento foi para mim como clarinadas de luz e como uma carta de alforria que veio trazer-me a libertação.

Eu era então literal e completamente um escravo. Escravo do pecado, escravo dos vícios, escravo das superstições e, o que era pior de tudo, era escravo dos homens sem escrúpulos que em nome de Deus e de uma falsa religião procuravam amordaçar-me a consciência e violentar o direito que o Criador deu a todo o homem: o direito da livre escolha, a liberdade de consciência que é a primeira e a maior de todas as liberdades.

«Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará». Sim, de maneira maravilhosa, poderosa e inexplicável, a verdade nos liberta do jugo dos homens e dos demónios e nos traz para um mundo diferente onde se pode respirar a atmosfera da legítima liberdade. Eu senti isso na minha vida e sou profundamente agradecido a Deus por esse dom inefável.

Um dia, logo após o meu baptismo, estava remexendo uma estante de livros de uma igreja nossa no interior de São Paulo, quando deparei pela primeira vez com a «gema do Protestantismo», O Conflito dos Séculos. Imediatamente me veio à memória a advertência do padre feita anos atrás. Senti nesse instante a emoção de todos os libertados desde a fundação do mundo. Uma alegria profunda e inenarrável inundou o meu coração: Era um homem livre! Podia agora ler sem constrangimento todas as obras boas condenadas pela hierarquia romana.

E que emoção saber que esse livro condenado, essa gema como disse o padre, pertencia à nossa Igreja e era um dos muitos da Sr.<sup>a</sup> Ellen White a quem nós já admirávamos e começávamos a amar.

Lancei-me à leitura com sofreguidão. Li-o uma, duas e três vezes. Compreendi logo o porquê da severa proibição. O Conflito dos Séculos é realmente a obra mais revolucionária que possuímos. A sua leitura é quase sempre acompanhada de grandes decisões. Se fosse feita uma estatística na Igreja através do mundo, ficaríamos maravilhados por ver quantos vieram para a luz da verdade por intermédio da leitura desse livro maravilhoso. Só a eternidade revelará a extensão do trabalho realizado por essa obra, que continua ainda ganhando igrejas inteiras para a verdade.

Desde então tendo acompanhado a influência de O Conflito dos Séculos dentro e fora da Igreja. Deus guiou a irmã White para escrever esse livro. É uma obra inspirada e inspiradora que nenhum adventista deveria deixar de ler. É um livro que devíamos ter na nossa biblioteca, não como uma relíquia do passado, mas para emprestar aos nossos vizinhos. Se não temos dom para falar a respeito de Cristo e da Verdade, procuremos colocar nas mãos daqueles que nos rodeiam, o Conflito dos Séculos. Ele fará a obra. Quem o ler, estará definitivamente evangelizado.

Irmãos há que estão a comprar este preciso livro para o dar a amigos e vizinhos com excelentes resultados. Um irmão da cidade de São Paulo, após ouvir um testemunho gravado sobre a ira do diabo contra esta obra, adquiriu 20 mil volumes para distribuí-los às mãos cheias, pois convenceu-se de que seria a maneira mais fácil de evangelizar.

Eis aqui, irmãos, um plano de trabalho missionário onde muitos poderão encontrar afinal o seu lugar de actividades na igreja.

Porque não fazer uma experiência? Encomende já hoje alguns exemplares do maravilhoso livro, para evangelizar os seus vizinhos e amigos.

**Benito Raymundo**

---

N. da R. — O livro a que o autor se refere foi muito recentemente reeditado em Portugal pela Publicadora Atlântico, com um novo título mais fiel ao título original: O GRANDE CONFLITO. A nova edição, revista, apresenta-se ilustrada e com uma encadernação moderna muito agradável.

# QUANTO VALE A EDUCAÇÃO DOS NOSSOS FILHOS?



Nas duas fotos, durante a reunião de abertura do ano escolar em Lisboa: o Pastor Dias (no uso da palavra), o Pastor Baião (parcialmente cortado)

Nos dias 6 e 15 de Outubro teve lugar a abertura das actividades respectivamente na Escola Adventista em Lisboa e na Escola Adventista em Oliveira do Douro.

Estiveram presentes na cerimónia de abertura de uma e outra escola, além dos alunos, professores, demais pessoal das escolas, alguns pastores da zona e alguns pais de alunos, o presidente da Associação e o signatário, como secretário do Departamento de Educação.

Foram cerimónias simples, mas de grande significado, porque marcam o começo de uma nova era do Departamento de Educação da Igreja Adventista no nosso país. A juventude é o futuro da Igreja e estas escolas, ao preparar melhor os jovens, estão a preparar

um futuro também melhor para a Igreja, de maneira a poder realizar, sob a direcção de Deus, a tarefa de evangelização.

Antes de fornecer alguns dados estatísticos, podemos anunciar que a escola em Lisboa tem a lotação praticamente esgotada e a escola de Oliveira do Douro, dada a sua grande capacidade e o facto de estar no seu começo, ainda oferece grandes possibilidades para receber alunos. O esquema aqui incluído mostra a situação actual de cada escola.

O ensino é assegurado, na secção primária, por duas professoras, em Oliveira do Douro e por três professoras em Lisboa, enquanto que no ciclo e liceu é assegurado respectivamente por três e doze professores, havendo entre eles,

sobretudo em Lisboa, alguns jovens professores com um número reduzido de horas. Trata-se, portanto, no conjunto das duas escolas, dum excelente grupo de vinte professores, havendo somente entre eles dois não-adventistas, mais precisamente, um de educação física e outro de desenho.

Esperamos e estamos orando para que todas as famílias adventistas das zonas do Porto e de Lisboa, com filhos em idade escolar, compreendam plenamente as vantagens e a importância da educação cristã em escolas adventistas e se decidam a enviá-los a estas escolas, que são verdadeiras cidadelas de refúgio e óptimos centros de educação no seu sentido mais completo. No primeiro dia de aulas dizia-nos a mãe de uma

ESCOLAS	CLASSES PRIMARIAS				CICLO PREPARATÓRIO		CURSO DO LICEU			TOTAL	PERCENTAGEM DE ALUNOS ADVENTISTAS
	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	1.º	2.º	1.º	2.º	3.º		
Lisboa ... ..	37	16	25	18	26	17	14	19	32	205	30 %
Oliveira do Douro .....	22	23	12	13	7	8				85	72 %
Totais .....	59	39	37	31	33	25	14	19	32	290	42 %

**JOAQUIM DIAS**

Secretário do Departamento da Educação



e todos os professores da Escola Adventista.

aluna, não adventista, que apesar de ser descrente e até se identificar com uma filosofia atea e materialista, sentia-se feliz por poder educar a sua filha numa escola adventista, porque tinha a certeza de que ela assim estava salvaguardada das influências nefastas do ambiente amoral, do tabaco e da droga, abundantes nas escolas públicas.

Esta é a convicção duma mãe não adventista. Esta foi a decisão duma mãe descrente, embora isso lhe exija sacrifícios materiais. Pais e mães adventistas, qual é a nossa convicção? Qual é a nossa decisão?

Sabemos que exige grandes sacrifícios financeiros enviar os filhos às escolas adventistas. A

Associação faz corajosamente esse sacrifício ao cobrir o grande défice das escolas; os professores fazem também gostosamente esse sacrifício, auferindo vencimentos inferiores aos do ensino oficial, porque trabalham por vocação, com os olhos postos no futuro da Igreja e na salvação dos nossos filhos, ao ensinar-lhes a reverenciar a lei de Deus, ao mesmo tempo que os preparam para a vida e para a eternidade. A vida dos nossos filhos, a sua permanência na Igreja e a sua salvação eterna valem mais do que tudo o que há no mundo e merecem todos os nossos sacrifícios, porque redundarão em grande alegria.



Parte da assistência à reunião de abertura na Escola Adventista de Lisboa.

# história do mês



## Uma mentira prolongada

Numa certa manhã de Inverno, Linda, o seu irmão Lino e a irmã mais pequena, Clara, foram para a escola, como sempre. Eles não sabiam que aquele era um dia especial. Durante a aula, todas as coisas se processavam da mesma maneira até ao momento em que Linda pediu licença para ir lá fora. Saindo, ao passar pelo alpendre viu as galochas de Lauro e, tomando-as, escondeu-as. Entretanto, ela pensava que aquelas eram as galochas de Lauro. Até ao fim da aula nada de extraordinário aconteceu. Chegou a noite e a sua consciência incomodava-a; não conseguia dormir, porque pensava no que havia feito de errado. Mas não contou a ninguém o que tinha acontecido.

Na manhã seguinte, quando Linda e os seus irmãos chegaram à escola, notaram que o Gregório e o seu irmão Joel conversavam com a professora, D. Marta. Imaginou que não seria sobre as galochas, pois estas pertenciam a Lauro.

Antes que a aula começasse, D. Marta disse:

— Tenho uma coisa muito importante para contar e algumas perguntas a fazer. Alguém pegou nas galochas do Gregório a brincar, ou então as roubou. As meninas tiveram um sobressalto. A professora continuou:

— Não podemos permitir uma coisa destas aqui. Perguntarei a cada uma de vocês; se souberem alguma coisa sobre as galochas do Gregório, por favor digam-me. Não podemos ter aqui meninos ladrões. Fez uma pausa e olhou ao redor da sala. Ninguém levantou a mão para falar. Linda sabia que estava mentindo, ao conservar a sua mão em baixo, mas não a levantou.

— Muito bem, disse D. Marta. Eu falarei com cada uma de vós em particular. Todas disseram que não. E quando chegou a vez de Linda, a professora quase tinha a certeza de que ela seria incapaz de uma acção tal. Todas disseram que não. A professora pediu para que ninguém comentasse o assunto fora da escola, e disse, se ali estivesse a culpada, que lhe dissesse, pois seria perdoada. Houve um longo silêncio, como para dar uma oportunidade a que alguém se apresentasse, mas ninguém falou. Linda sabia que era a hora de falar, mas estava cheia de medo.

À noite, D. Marta, recordando os acontecimentos, parecia ter notado algo diferente em Linda. Mas ... não ... não era possível. O assunto não foi mais falado na escola. Talvez alguém o tivesse comentado, mas não sob a vigilância de D. Marta.

A mentira de Linda ia sendo guardada com ela. Dois meses antes do fecho da escola, Gregório foi morar numa região muito distante dali. E a mentira continuava escondida na mente de Linda. Quatro anos depois ela recebia o seu diploma da escola secundária, e começou a trabalhar num escritório. Algum tempo depois casou-se. Anos mais tarde, foi residir com o seu marido exactamente para a região em que Gregório habitava. Visitavam-se, e a sua consciência atormentava-a. Precisava confessar a sua mentira. Já tinham passado cerca de 20 anos, mas, depois de algumas hesitações, decidiu-se finalmente. A resposta de Gregório foi:

— Nunca pensei que tivesses feito uma coisa semelhante.

Mas a mentira tinha sido confessada. Um grande alívio se produziu no coração de Linda, por haver reparado uma falta que tinha cometido.

Valerie Schmidt

## Veja se sabe

1. Quem disse: «Entrai pelas portas d'Ele com louvor, e em Seus átrios com hinos»? a) David, b) Salomão, c) Moisés.

2. Jesus curou uma vez dez homens doentes e só um se lembrou de Lhe agradecer. Este homem tinha sofrido de a) paralisia, b) cegueira, c) lepra.

3. Quem foi o autor desta oração desprezível aos olhos de Deus: «Ó Deus, graças Te dou, porque não sou como os demais homens»? a) um publicano, b) um fariseu, c) um saduceu.

4. Um homem condenado à morte agradeceu a Deus pela resposta à sua oração sem ter a prova de que esta fosse atendida. Quem era? a) Eliseu, b) Daniel, c) Filipe.

5. Paulo, numa carta a Timóteo, menciona que a ingratidão era característica a) do Império Romano, b) da Idade Média, c) dos últimos dias.

6. Próximo do fim da sua vida activa, Paulo «deu graças a Deus, e tomou ânimo» porque a) amigos vieram de Roma visitá-lo, b) havia sido posto em liberdade pelas autoridades romanas, c) tinha sobrevivido a um naufrágio.

7. Em qual das seguintes ocasiões se diz que Jesus deu graças? a) na refeição das cinco mil pessoas, b) na santa ceia, c) no princípio da refeição com os discípulos de Emaús.

1. a) Salmo 100:4; 2. c) Lucas 17:11-19; 3. b) Lucas 18:9-14; 4. b) Daniel 2:19-30; 5. c) 11 Timóteo 3:12; 6. a) Actos 28:15; 7. Nas três ocasiões: João 6:11; Mateus 26:27; Lucas 24:30.

RESPOSTAS:

# AMABILIDADE

## — um precioso dom tão esquecido

A amabilidade é um factor dominante da cultura humana; dominante, por diferentes razões. A primeira é que no convívio humano a amabilidade impõe-se como um dos mais altos expoentes aonde o homem pode chegar adentro da sua dignidade pessoal; a segunda é que o domínio da amabilidade nas relações pessoais da vida quotidiana é um factor que, embora por muito olvidado, continua a ser relevante em todas as circunstâncias e em toda a parte.

Nós podemos chamar AMABILIDADE à qualidade do que é amável; delicadeza, cortesia.

Falando dentro desta ordem de ideias, a Sr.<sup>a</sup> White escreveu o que lemos nos «Testemunhos Selectos», Vol. 1, pág. 208.

**«São as pequenas atenções, os numerosos incidentes pequeninos e as simples cortesias da vida, que formam a soma da felicidade da existência; e é a negligência das palavras bondosas, animadoras e afectuosas, e das pequenas cortesias da vida que ajudam a formar o todo da infelicidade da existência».**

Nestas palavras encontramos indicações simples mas positivas acerca da importância de vigiarmos pela realização da amabilidade da nossa vida diária e do cuidado que devemos ter para que a negligência dos princípios de delicadeza não nos torne a vida mais amarga, assim como a vida daqueles que nos rodeiam.

Muito interessantes são os termos em que Albert Bayet, que ocupou a presidência da Federação Nacional da Imprensa Francesa, se refere à amabilidade:

**«Que significa ser-se amável? Significa, no mais velho sentido da palavra, ser digno de ser amado. O meio mais certo de ser amado é o de amar. Eis a razão pela qual o homem amável é aquele que sempre se recorda que, apesar da diversidade de opiniões, os homens são todos irmãos e como irmãos se devem tratar. Diz-se que a amabilidade é o troco miúdo do amor; mas na vida quotidiana tem-se mais vezes necessidade de trocos miúdos que de barras de ouro.»**

Interessante, sem dúvida, é o parecer do Senador Deb-Bridel cujos pensamentos sobre a amabilidade

se aproximam bastante dos conceitos cristãos tal qual os encontramos na Bíblia. Assim lemos:

**«Para se ser verdadeiramente amável é necessário se conduzir com o seu próximo, em todas as circunstâncias, como gostávamos que ele se conduzisse connosco; e também conservar o controlo de si próprio, nunca perdendo de vista o princípio enunciado atrás.»**

André de Fouquières, que foi presidente duma associação parisiense conhecida pelo nome «Os Parisienses de Paris» exprimiu-se, sobre a amabilidade, de uma maneira radical, talvez por isso emocionante:

**«Eu considero a amabilidade uma virtude tão necessária que separo as pessoas em duas categorias: as pessoas amáveis e as que o não são. Gosto muito de ver as primeiras; e as outras, eu as distancio de mim tanto quanto posso. Mesmo que estas últimas sejam pessoas talentosas; admiro as suas obras, mas não tenho nenhum desejo de contactar com elas.»**

A Sr.<sup>a</sup> Nicole de Hauteclouque — autoridade no domínio das relações públicas no seu país, em França — falou também acerca da amabilidade, particularmente na vida quotidiana. Eis os seus comentários:

**«A amabilidade na vida prática? Creio que ela é indispensável a cada instante da jornada e estou convicta de que a amabilidade é certeza de alegria, de saúde e de sucesso. Se todos quiséssemos, todos poderíamos ser amáveis, e as relações entre os indivíduos seriam bastante mais fáceis. Aos pais e aos professores e a todos aqueles que têm por missão a educação dos mais novos, lembro o dever de os habituar a se comportarem de uma maneira amável.»**

Em França, algumas entidades esforçaram-se por elevar o teor do interesse pela amabilidade nas relações humanas, de tal modo que alguns indivíduos criaram um movimento nacional ao qual se achou por bem denominar: CRUZADA DA AMABILIDADE. As palavras que agora vamos considerar são da

(Continua na pág. 19)

# INVESTIGAÇÃO

## PROVOCADA PELO ESTUDO DA ESCOLA SABATINA

— A. D. GOMES —

I — Ao estudar a Lição de 4 de Outubro p.p. verificámos a discordância entre 2 Reis 24:8 e 2 Crón. 36:19. As Bíblias portuguesas dão para a idade do rei Joaquim (em hebraico Ioiachine) ao subir ao trono: em Reis, 18 anos e em Crónicas 8 anos! Tratámos logo de ver o que se encontrava nos Textos Hebraico, Grego e Latino, do Velho Testamento Massorético, Septuagíntico e Clementino. Verificámos:

- a) O Texto Hebraico dá, como as nossas Bíblias, **dezoito e oito** anos.
- b) Nos dois textos da Septuaginta e da Vulgata Latina ambos dão **dezoito** anos.
- c) A tradução autorizada do Rabino Francês dá o mesmo que o Texto Hebraico: **dezoito e oito**.
- d) A notável tradução inglesa de Moffatt dá nos dois textos **dezoito** anos.

Donde se conclui que os LXX, três séculos antes de Cristo, viram em 2 Crón. 36:9 «dezoito anos». A Vulgata, baseada na Septuaginta, copiou este número **dezoito**.

II — **Surge a pergunta:** como explicar que os manuscritos posteriores à tradução dos LXX tivessem registado **oito anos** em 2 Crón. 36:9? Só desta maneira:

1.º — No Hebraico actual (Massorético), o número de anos em ambos os textos e em geral em todos os textos aparece **por extenso:** dezoito, oito.

2.º — Mas antes do Século VI da nossa Era, em que foi grafado o Massorético, o hebraico tinha grandes diferenças bem conhecidas em relação ao actual: não tinha vogais, nem acentos, e as palavras apareciam pegadas umas às outras. É de supor que também os números não fossem escritos por extenso mas **por algarismos** ou sinais equivalentes.

3.º — Ora os Israelitas, como os Gregos e Romanos, não tinham os nossos algarismos (0,1,2,3 etc.) que são de invenção árabe, do Século VII; utilizavam as letras do alfabeto em vez dos nossos algarismos. Em vez de 1,2,3, etc. escreviam a,b,g,d,h,v,z, che, teta, iode (i) etc. Se quisessem escrever 12 poriam **bi** (o algarismo-letra menor antes do maior). 18 seria escrito **che i** (oito + 10), etc.

4.º — O iode é a mais pequena letra do seu alfabeto, uma pequena vírgula. Este iode tinha análogo em grego no «iota», que em português se pode grafar por «jota». Os pequenos acentos do hebraico actual e do grego chamavam-se «queraia», que se pode traduzir em português por «til». Cristo em Mat. 5:18 disse: «nem um **jota** ou um **til** se omitirá da Lei, etc. Se falasse em português de hoje diria: «Não se omitirá da Lei a mais pequena letra ou acento», etc.

5.º — Que aconteceu então? Depois do Século III a.C., passaram à posteridade manuscritos em que os Copistas ou se esqueceram de escrever o **minúsculo iode** no número dezoito (che i = oito + 10) ou foi escrito tão sumidamente que os futuros Copistas não o viram e, em vez de 18, copiaram apenas 8.

III — Muito importante é que esta ocorrência textual nos lembra uma doutrina que precisamos nunca esquecer: salvo raríssimas excepções em que Deus deu as palavras a escrever (as ditou), o que Ele fez em geral foi **inspirar ideais** aos Seus servos, que eles deveriam **materializar nas suas palavras**. Não se inspiram palavras mas ideias, porque inspirar palavras equivale a um **ditado**, e a Bíblia em parte nenhuma diz que foi ditada: «Toda a Escritura, **divinamente inspirada**», etc. (2 Tim. 3:16).

De resto, nos dois textos em exame, o número de anos não precisaria de ser inspirado nem ditado por Deus, porque era dado pelos documentos históricos. A única coisa de que precisaram os escritores bíblicos destes textos foi da **inspiração divina** para registar essas datas históricas.

A falta, muito compreensível e desculpável, esteve nos Copistas e não nos escritores bíblicos!

---

## tem a palavra o leitor

### Fidelidade ao Sábado

Na firma para a qual eu trabalhava em Angola, determinado individuo, certamente ligado a um dos conhecidos partidos políticos daquele país, pediu ao gerente para convocar uma reunião de todos os empregados, com a finalidade de saber quais aqueles que se ausentariam para Portugal. O gerente acedeu e a reunião foi marcada para o sábado seguinte.

Chega então junto de mim o tal individuo e diz-me:

— Sábado temos reunião. Não se pode faltar!

No entanto, eu afirmei:

— Sábado é impossível.

A resposta foi: — Terá que ser!

Nada mais acrescentei. Em casa dirigi-me a Deus em oração, a pedir-Lhe a intervenção divina para o meu problema.

Quando fui para o emprego, dirigi-me propositadamente à mesma pessoa, com o fim de Lhe explicar porque

não poderia apresentar-me na reunião. Por fim, depois da minha explicação, diz ele:

— Bem, a reunião não é obrigatória, vai quem quer.

Após esta resposta, senti um alívio tão grande que, assim que pude estar em contacto com Deus, não pude deixar de Lhe agradecer pela Sua intervenção.

Esta foi a minha experiência e talvez uma prova de Deus a que fui submetido. Por isso faço um apelo a todos os que tenham provas idênticas ou mais rigorosas: em primeiro lugar, que mantenham íntima ligação com Deus; em segundo, que depositem n'Ele toda a confiança; e, por último, que tenham fé.

O irmão em Cristo Jesus

Luís Manuel Pinheiro

Leiria



O Irmão Dário Avelino antes de «morrer» no baptistério.

# Da trincheira de sangue ao baptistério da Igreja Adventista

Por Artur Oliveira

NUMA ALTURA em que se geram ódios e se cavam abismos entre os homens a pretexto de diferenças étnicas, políticas ou até mesmo religiosas, a experiência que vamos contar de um jovem recentemente baptizado em Ponta Delgada constitui um símbolo de uma verdade perene e de um valor inestimável: é quando os homens abandonam as suas trincheiras, reais ou imaginárias, e consentem em morrer para o eu pela aceitação das verdades puras do cristianismo — de que o acto baptismal é um símbolo — que se encontram no verdadeiro caminho daquela «PAZ» e daquela «BOA VONTADE ENTRE OS HOMENS» sublimemente expressas pelo coro angélico há dois mil anos quando, sobre as campinas de Belém, anunciou o nascimento do Redentor!

Quando, pela primeira vez, falei com o jovem Dário Avelino já sabia algo a seu respeito através das notícias da esposa que se tornara membro da Igreja Adventista durante a ausência do marido no Ultramar. Este, ao partir, como tantos outros soldados, sentia o coração apreensivo não só pelos perigos que o aguardavam como principalmente ao ver sumir-se ao longe a sua encantadora «Ilha Verde» onde ficavam os pais, os irmãos e a noiva lavada em lágrimas.

Do outro lado do oceano, entre novas terras e novas gentes em luta pela emancipação, o Dário enfrentaria perigos mil e nunca imaginados. Destes perigos pude ter uma ideia bastante clara não só pela vívida descrição que dos mesmos me fez como pelas fotografias que testemunhavam, silenciosa mas eloquentemente, os horrores da luta de guerrilhas nas ex-colónias portuguesas.

Por detrás da trincheira do seu pelotão que actuava numa das zonas de Angola em que a luta assumiu grandes proporções, o Dário viveu horas seguidas entre a vida e a morte, debaixo do violento tiroteio do adversário e ao qual, naturalmente, eram

obrigados a responder. Os ataques imprevistos, as emboscadas, as balas e os morteiros a silvarem por cima e aos lados criavam não raro situações de pânico em que o esforço pela sobrevivência se transforma, por vezes, na lei suprema do homem! Mas foi precisamente nestas horas de aflicção e em que a vida era seriamente ameaçada que o Dário compreendeu que só Deus — e não as armas que empunhava — era a sua defesa e protecção! Em certas ocasiões tinha nítida intuição de uma voz misteriosa que lhe ordenava a retirar-se do lugar em que se encontrava, no calor do combate. Segundos depois um morteiro ou uma granada rebentava no lugar que fora há momentos o seu posto de defesa. Um colega, grande camarada de caserna, não teve igual sorte. Vi a horrível fotografia do seu corpo inanimado! Numa ocasião, graças ao seu ouvido apurado para a flauta de que é tocador exímio, foi convidado para um sarau musical tendo, para o efeito, obtido a autorização superior. Nessa mesma noite um corpo de soldados de que o Dário deveria fazer parte, numa operação de rotina, foi vítima de uma terrível emboscada. O Dário agradece a Deus por este incidente ao qual atribui a conservação providencial da sua vida. Hoje utiliza a mesma flauta que o salvou para acompanhar cânticos na igreja!

Ao regressar a S. Miguel, sem o mínimo ferimento, pela graça de Deus e para grande alegria da família, esposa (o seu casamento realizara-se por procuração) e amigos, o Dário trazia consigo uma grande dívida de gratidão. Não para com os «santos» de pau e pedra como infelizmente muitos são aqui levados a fazer. Mas para com o seu Deus e Criador! Ao relacionar-se mais directamente com a nova religião da esposa, de que já conhecia alguma coisa, mas principalmente ao escutar o chamado do Espírito de Deus através da pregação

do Evangelho e de estudos bíblicos no lar, uma nova experiência veio assinalar um rumo novo à sua existência. Após alguns meses de preparo bíblico o Dário resolve consagrar inteiramente a sua vida Aquele que tão bondosamente a tinha preservado!

Afim de dar mais solenidade ao acto, o Dário escolheu voluntariamente, como data do seu baptismo, o dia do seu aniversário: 1 de Novembro. Por curiosa coincidência este dia calhou num sábado, numa bela manhã de sábado, com a igreja bem assistida por irmãos e visitas para a adoração. À hora do culto solene o momento foi de sentida emoção e alegre expectativa. Perante a atenta assistência o signatário, a dado momento, disse: «Estamos perante um homem que foi milagrosamente salvo da trincheira mas que não conseguiu impedir a sua morte no tanque baptismal!» Todos saudaram comovidamente esta observação, pois apreenderam-lhe o seu significado espiritual. Com efeito, naquela manhã de sábado de 1 de Novembro, ao descer às águas baptismais, o Diário «morreu» para o mundo, mas vive agora para Cristo. A morte no baptistério, de que não logrou livrar-se, foi em honra de uma causa incomparavelmente mais justa e gloriosa do que por aquela que representava a morte na trincheira. Em lugar de balas e roquetes homicidas, esta foi saudada por alegres cânticos de triunfo, entoados reverente e animadamente pelos crentes aos quais se unia o cântico jubiloso dos anjos no Céu!

Agora as novas armas do Dário são a Bíblia e a oração, a sua trincheira a inexpugnável lei de Deus e o campo de combate as almas a conquistar pacificamente para o Seu Reino, por meio de um fiel e ousado testemunho. Oremos pelo Dário e pelo seu lar (que acaba de ser enriquecido com uma amorosa menina!), pela sua nova experiência como membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia e como fiel soldado no exército de Jesus!

## Irmã Lydia Madsen

«Preciosa é à vista do Senhor a morte dos Seus santos.» Sal. 116:15. Foi este o nosso sentir ao recebermos a notícia do falecimento da Irmã Lydia Madsen, ocorrida em Turlock, Califórnia, a 26 de Julho p.p. No dia 20 recebêramos a sua última carta, escrita a 15 de Julho. Embora não se sentisse muito bem já há tempo, devido a má circulação, poucos dias esteve doente antes de morrer. Dizia nessa última carta: «Tantos dos meus amigos já têm morrido e eu tão antiga ainda vivo. Tanto grata me sinto ao Pai do Céu. Todos os dias Lhe peço para me deixar viver até eu poder colocar tudo o que nos resta financeiramente na Obra de Deus. Será que o Pai do Céu me está ouvindo? Creio que sim».

Natural da Ilha do Pico, Açores, emigrou para os Estados Unidos muito jovem. Sua família era toda muito católica, como aliás todos os portugueses residentes naquela parte da Califórnia, o vale de São Joaquim. Em 1913 aceitou a mensagem adventista, com alegria e coragem. Sofreu muita oposição da parte da família e amigos, e para ser fiel a Deus teve de fugir de casa, pois era a única alma naquela região que aceitara a mensagem adventista naquele tempo. Teve de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, tendo frequentado o P.U.C. (Colégio da União do Pacífico). «Eu conheço um pouco o que se sofre no mundo quando aceitamos a Jesus. Que bom Jesus tem sido para mim e continua a ser sempre. Quão grata me sinto... Em 1916 em apreciava bastante qualquer peça de roupa que alguém me oferecia. Na altura eu estava abandonada por meus pais e amigos.»

Os obreiros que trabalharam nos Açores nestes últimos 30 anos, todos mais ou menos estiveram em contacto com a Irmã Lydia. Ela sempre estava disposta a enviar roupas e qualquer auxílio monetário para onde fossem mais necessários.

Preocupada em levar a mensagem do advento à sua terra natal, a irmã Lydia deslocou-se à Ilha do Pico há uns 30 anos, levando consigo muitos quilos de roupa que distribuiu pela gente pobre do lugar. Enquanto procurava ajudar os mais necessitados, falava-lhes do amor de Jesus, do Seu Evangelho e da maravilhosa salvação que trouxe à humanidade pelo Seu sacrifício.

Ao voltar aos Estados Unidos, deixando na Ilha um grupo de interessados, o seu maior desejo foi de edificar ali um templo onde o Evangelho continuasse a ser pregado, o que logo realizou a expensas suas. Providenciou também a ida para lá e a manutenção de um colportor evangelista que cuidasse do grupo de crentes e interessados, dada a impossibilidade de ser enviado um obreiro regular.

Sempre a nossa querida irmã se interessou pelo avanço da Obra em Portugal, nas Ilhas e Colónias portuguesas, além do seu interesse pela obra mundial. Há anos fez-se em Portugal uma edição dos livros do Espírito de Profecia, «O Desejado de Todas as Nações» e o «Conflito dos Séculos», cuja edição foi totalmente custeada por oferta da nossa irmã, o que proporcionou a aquisição destas preciosas obras por muitos lares adventistas portugueses e não só. Logo que soube do plano de termos uma escola em Portugal, se apressou em enviar uma oferta. Para a escola da Beira em Moçambique e Casa Publicadora de Florença, Itália, enviou também duas ofertas por nosso intermédio, ao saber que o excesso do 13.º Sábado no 2.º trimestre era destinado para estes dois projectos.

Ao ter conhecimento que o casal P. Ribeiro tinha tido um chamado para trabalhar em Macau, logo escreveu dizendo: «Que bom poder ir trabalhar para nosso Pai. Como gostaria eu, se pudesse, também ir com os irmãos.» Já tinha reservado para nos enviar para Macau, caso fôssemos, mais de 300 livros do Espírito de Profecia («Aos Pés de Cristo», «Conflito dos Séculos» e «Ciência do Bom Viver») em inglês, visto naquele território administrado por Portugal a língua mais falada depois do chinês ser o inglês. Seria realmente um grande auxílio para o trabalho missionário naquele território.

Ao dar-nos conhecimento da morte da sua esposa, o marido da nossa irmã dizia-nos: «Esperamos encontrar-nos e estarmos juntos novamente um dia no Céu e na Nova Terra.»

Ao noticiarmos com mágoa a morte da nossa irmã, lembramos as promessas de Deus: «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor... para que descansem dos seus trabalhos e as suas obras os sigam.» Apoc. 14:13

Irene B. Ribeiro

## Uma Escola de Igreja porquê?

Esta pergunta já foi feita por muitos de nós uma vez ou outra. Nos países onde as crianças podem facilmente libertar-se das aulas ao sábado, as escolas de igreja são raras e podem parecer inúteis. Além disso, nos estabelecimentos escolares públicos o ensino ministrado é excelente quanto à forma, as instalações são modernas e espaçosas, satisfazendo todos os requisitos técnicos.

Não seria prudente tirar conclusões precipitadas. É preferível consultar antes de mais algumas declarações do Espírito de Profecia.

Na pág. 452 de Testemunhos Seletos, Vol. II, lemos: «Acaso recebem as nossas crianças dos professores da escola pública ideias em harmonia com a Palavra de Deus?» E um pouco mais adiante, comentando o texto de Êxodo 12:12 e 22-24, a Sr. White declara:

«Qualquer dos filhos dos hebreus que fosse encontrado em uma habitação egípcia, seria destruído. Essa experiência dos israelitas foi escrita para instrução dos que haviam de viver nos últimos dias. Antes que passe o dilúvio do açoite sobre os habitantes da Terra, o Senhor chama todos quantos são deveras israelitas a que se preparem para esse acontecimento. Ele envia aos pais o grito de advertência: Recolhei os vossos filhos em vossa própria casa; afastai-os dos que desrespeitam os mandamentos de Deus, que ensinam e praticam o mal... Estabelecei escolas paroquiais (de igreja)...»

Este exemplo não nos faz estremecer pela sorte dos nossos filhos? Quantos estão no mundo, nos seus colégios, nos seus liceus, nas suas instituições! Não será um convite para reconsiderarmos a nossa posição em relação às escolas de igreja e ver nelas uma instituição sagrada, segundo os planos de Deus, para evitar que os nossos filhos se transformem à imagem do mundo e se preparem desse modo para receber a imagem da besta?

Noëlle Vitry

## GRUPO VOCAL HOSANA EM VISITA AO PORTO

O Palácio de Cristal, naquela tarde chuvosa de domingo, 16 de Novembro, tornou-se ponto de encontro para uma pequena multidão, que alguns avaliaram em cerca de 2000 pessoas, e que se reuniu para ouvir o grupo vocal **Hosana** nos seus cânticos cristãos. E foi com emoção que apreciámos o facto de que muitos se deslocavam de pontos bastante afastados da cidade do Porto, nem sempre de modo fácil, tendo de enfrentar o tempo sombrio e agreste para virem escutar este grupo de jovens, setubalenses na sua maioria. Para além dos muitos crentes adventistas que ali se encontravam, tinham sido lançadas na mão dos portuenses largas centenas de convites para este concerto de coros cristãos.

E assim, depois de uma introdução feita pelos Pastores Joaquim Morgado e José Manuel de Matos, representando a Associação Portuguesa dos A. S. D. e a Igreja anfitriã, respectivamente, foi a vez de ouvirmos um resumido historial da formação deste largo grupo vocal, que hoje engloba várias dezenas de jovens amantes da música coral cristã, ao longo do qual se foram enxertando vários hinos, antigos e recentes, do repertório do **Hosana**. Foi pena nem sempre as condições técnicas de reprodução sonora terem cooperado, mas decerto que os pupilos do João Paulo Trindade saíram recompensados pela qualidade de execução demonstrada nos seus cânticos e pelo amistoso acolhimento e crescente interesse que os ouvintes de-

monstraram ao longo de mais de 2 horas de sessão, sobretudo ao cantarem em conjunto com o grupo vocal aquele magnífico hino final

**Jerusalém, Jerusalém,  
O dia está a raiar!  
Hosana nas alturas  
Hosanas sem cessar.**

Lembrámo-nos nessa altura da oportunidade que em breve teremos, de acordo com a promessa do nosso Salvador, de cantar em conjunto, passadas as dificuldades e a separação deste mundo

**Na mui feliz Jerusalém  
Que nunca passará.**

Evidentemente que o grupo Hosana teve de repetir este hino a pedido, vibrante e de pé, da assistência entusiasmada.

De salientar também a comparência e colaboração do grupo vocal **Ebenezer**, de Espinho, que entoou, nessa tarde festiva e de confraternização, dois cânticos: «Ao meu redor» e um tema da ópera «Jesus Cristo Superstar».

A terminar, registe-se o comentário público do novo Secretário M. V. de Portugal, Pastor Joaquim Morgado, após a audição dos coros e a encerrar o concerto, felicitando o grupo Hosana pelo rumo que segue, notável e enfaticamente cristão, na escolha dos seus cânticos. Parabéns Hosana, parabéns João Paulo!

**José Manuel dos R. Ferreira**

## REUNIÕES ESPECIAIS COM S. L. FOLKEMBERG DESTINADAS A CASAIS JOVENS DAS IGREJAS DA ZONA DE LISBOA

Com o Pastor Folkenberg e a sua esposa, da Divisão Euro-Africana, tiveram os jovens casais das igrejas de Lisboa e arredores, durante os dias 1 e 2 de Novembro, algumas reuniões cujo tema tratado foi: «o jovem casal e o seu lugar na Igreja»:

Sábado, pelas 16 horas, já nos encontrávamos todos na sala de Culto do Algueirão. A partir dessa altura e até ao passeio pela serra de Sintra, tivémos na verdade muitos bons momentos com o casal Folkenberg, que, pela sua experiência de missionários, pelo seu muito amplo conhecimento do Espírito de Profecia e pela sua elevada espiritualidade, nos transmitiram qual a resolução dos piores e mais difíceis problemas que poderão aparecer na vida de um jovem casal, tais como: A educação dos filhos, a mordomia pessoal e monetária, o seu papel na Igreja e perante o mundo, a vida íntima do casal, etc.

No fim da reunião de domingo e antes do lanche já programado, marcámos um novo encontro para o dia 22 de Novembro na sala de jovens



O Grupo Vocal Hosana em actuação no Pavilhão dos Desportos do Porto.

da Igreja da Amadora, onde iremos programar mais actividades de interesse para os jovens casais.

1. Adquirir todos os livros de Espírito de Profecia, onde iremos encontrar ensinamentos e resoluções para os nossos problemas.

2. Preparar actividades ao ar livre, dando assim aos nossos filhos o pra-

zer de conviver com outras crianças num ambiente são.

3. Convidar jovens casais não pertencentes à Igreja para as nossas actividades, para que possamos dar o nosso testemunho e daí, porventura, saírem alguns frutos.

Manuel Vieira

## IGREJA DE MATOSINHOS COMO DECORREU "ACÇÃO 75"

A ansiedade ia crescendo à medida que se aproximava o dia do esforço de evangelização sobre o título: «Quem dominará o mundo».

Todas as semanas, aos sábados às quinze horas, na reunião de oração elevámos ao Céu o pedido da bênção do Espírito Santo para a Acção 75 que teria lugar de 10 a 26 de Outubro. A nossa juventude estava presente a estas reuniões de refúgio espiritual e era notório o desejo que tinham em colaborar. De tal maneira isso aconteceu que, havendo a necessidade de alindar a nossa sala de conferências e a pedido do pastor Matos, todos à uma se ofereceram para colar o papel para o lambrim, aplicar as armaduras luminosas no tecto, limpar as paredes, lavar o chão, pintar, etc. Por isso não posso deixar de destacar o zelo e o entusiasmo que tantos dos nossos irmãos e jovens manifestaram pela casa do Senhor nesta hora de particular interesse para a evangelização.

Finalmente chega o dia tão ansiado, e já de tantas alegres canseiras para todos os leigos, não falando nos temas espirituais que com a devida antecedência seriam preparados e estudados pelo nosso estimado irmão pastor Matos.

A igreja está cheia de frescura com plantas no corredor da entrada. Nas paredes encontram-se os dísticos convidando à meditação e ao estudo do sagrado Livro. As flores bem dispostas em jarras, inebriam o ambiente pelo aroma e beleza apontando o gran-

de amor de Deus pelas Suas criaturas humanas.

A interrogação persistia na mente de alguns: como se apresentaria o interesse pela literatura distribuída, os convites feitos directamente aos nossos familiares, vizinhos e amigos? Havia grande expectativa e o milagre viria pelo poder de Deus. Assim mais abaixo darei um resumo desse maravilhoso dom de Deus que é a acção do Espírito Santo na vinda e presença de tantas pessoas.

Os convites foram distribuídos ao público com a legenda principal «Quem dominará o mundo» e com os subtítulos: «Droga e tabagismo», «Salve os seus filhos», «Soluções para um mundo em crise» e «A mais profunda revolução social». Nos mesmos ainda se mencionava a oferta de uma Bíblia (texto integral) que seria oferecida a cada participante. Assim durante os dias 10 a 26 de Outubro, às 21 horas, teria lugar, com entrada livre a quem quer que fosse com desejo de assistir a estas dezassete conferências.

Durante cinco dias foram abordados assuntos à volta destes temas: Drogas, suas causas e consequências. O tabaco, bebidas alcoólicas, a crise do sexo, do namoro e casamento, corolário de uma sociedade corrompida. Falou-se da sociedade celestial transformada previamente pelo Espírito Santo e numa entrega total a Deus, aceitando Jesus como único meio de cura para o pecado. Todos estes assuntos foram acompanhados de belíssimas projecções, elucidando clara-

mente a necessidade duma reforma na alma.

É maravilhoso como Deus na Sua infinita bondade ia deixando que o Seu Santo Espírito abençoasse diariamente estas reuniões. No primeiro dia tive-mos 14 visitas e 38 membros. No segundo dia já eram vinte e duas visitas e todos os dias este número ia aumentando de tal modo que no 5.º dia contávamos trinta e duas visitas, a maior parte das quais eram jovens. No 6.º dia, em que foi entregue a Bíblia para ser manejada, ficámos um pouco apreensivos: baixou para vinte e seis visitas, mas felizmente que logo no dia seguinte, e até ao final, o número de visitantes que estudaram a Sagrada Escritura passou a ser sempre na casa das quarenta e cinquenta pessoas, tendo nos dois últimos dias sido de 65 e 72 visitas respectivamente, não contando os membros baptizados.

Nós louvamos muito o Senhor, pois que, em todo o decorrer da Campanha, tanto os membros como os visitantes vieram de Matosinhos e arredores. Os nossos estimados irmãos portugueses deixaram-nos, muito louvavelmente, desta vez, mais sós, como um querido pai que, chegada a altura de deixar partir o seu filho, o deixa ir só, cumprir a sua missão, com alegria.

No dia 26, domingo, finalizámos com uma pequena festa de poesias, cânticos, músicas e a entrega da Bíblia a um bom número de visitas.

Certamente que a igreja de Matosinhos estará de parabéns se for dada continuidade a este trabalho, tão bem iniciado, não deixando que a fé destas almas se enfraqueça, indo agora às suas casas oferecer o curso Futuro Brillante ou o curso a Bíblia Responde.

Quando este artigo vier na nossa Revista Adventista, certamente que o relatório será mais extenso, com as experiências colhidas no decorrer das visitas a efectuar a cada alma que assistiu a esta série de conferências. Está na nossa mente, quando chegar a festa do Natal incluímos alguns jovens visitantes na festa, dando-lhes oportunidade de colaborarem em algo mais útil e agradável para a sua formação espiritual.

Não desejava terminar este relatório sem apelar para todos os irmãos de Portugal e onde quer que estejam, para orarem por este trabalho em Matosinhos.

Vosso irmão no serviço do Mestre,

**Virgílio Faustino**

**notícias  
do campo**

# caixa de perguntas

Secção a cargo de J. N. Branco

## Escola Sabatina em Classes

Grande parte dos membros prefeririam que a lição da Escola Sabatina fosse passada por uma só pessoa. O aproveitamento seria maior, visto que a atenção não se dispersaria, como acontece, quando quatro ou mais monitores falam ao mesmo tempo na mesma sala e muito próximos uns dos outros, criando um ambiente que, — especialmente as visitas classificam de «confusão», «feira» ou «mercado».

Será rigorosamente obrigatório manter esta tradição? Haverá regulamento denominacional nesse sentido?

A Escola moderna descobriu que o melhor método de ensino é o que se administra a pequenos grupos, devendo, conseqüentemente, todos os estudantes participar da discussão da matéria, método este conhecido por Dinâmica de Grupo.

Este método de Dinâmica de Grupo contrapõe-se ao espírito de massificação imposto, por exemplo, pela TV, pela Imprensa e pela Rádio, que esmaga o indivíduo para constituir uma única massa. O ser humano deve deixar de ser um número, para ser uma pessoa, que pensa, que escolhe, que se comunica, que existe.

A Escola Sabatina é a Igreja em estudo, no estudo. Mas só conseguirá os seus objectivos, quando cada aluno se tornar uma pessoa distinta da outra, e não apenas um número a mais. Requer-se, portanto, a participação do aluno no estudo da lição. Ora esta participação activa só será possível, em pequenas classes. Por isso, a lição não deve ser passada em classe única, excepto em ocasiões especiais. Nada de massificação na Escola Sabatina.

Quanto a normas directivas a este respeito. O Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral recomenda que as congregações tomem providências para salas de classe separadas, eliminando, também, assim, o funcionamento de demasiadas classes no salão ou sala da igreja. É certo que muitas das nossas igrejas não possuem condições para tais acomodações. A Irmã White referiu-se com frequência às classes da Escola Sabatina. Declara uma resolução formal da Denominação, no Concílio de Outono de 1960: «Que se conservem pequenas todas as classes da Escola Sabatina (de 12 a 15 membros), com um professor que siga fielmente o modo de proceder sugerido de designar membros para visitar os alunos ausentes, sejam em perspectiva, sejam regulares, para verificar a razão da sua ausência, e estimulá-los à frequência fiel da Escola Sabatina» — **Review and Herald**, de 24 de Novembro de 1960, p. 20.

Uma única classe numerosa tem desvantagens, dentre as quais podemos destacar: falta de conhecimento recíproco entre os professores e o aluno; estímulo à irresponsabilidade com respeito à assistência, ao estudo da lição, às ofertas e demais actividades desempenhadas na classe; diminuição do interesse dos alunos, durante a lição; desprezo geral pelos ideais e normas da Escola Sabatina. Todos aqueles que tiverem interesse na obra da Escola Sabatina, recusarão este procedimento não autorizado e porão em prática o plano das pequenas classes.

## AMABILIDADE

(Continuação da pág. 13)

boca do presidente do movimento que atrás citei. Chama-se a referida pessoa Marcel Ranville, e, naturalmente que fazemos bem em reflectir nelas, pelo seu interesse teórico e pelo que têm de aplicabilidade prática.

**«A amabilidade é uma força que nos abre todas as portas. Ela ilumina tudo o que nos envolve. Ela tem uma importância capital em todos os contactos humanos. A amabilidade é uma manifestação do coração, uma virtude perante a qual todos nós somos sensíveis. No plano da saúde ela tem um valor considerável, na medida em que aquele que a pratica e que está disposto a considerar todas as coisas pelo seu lado melhor é o que se sente melhor e mais depressa num ambiente agradável.»**

Em todas as palavras que aqui foram mencionadas encontramos uma opinião unânime sobre a importância teórica e o valor prático da excelsa virtude que é a amabilidade.

Não deveremos nós esforçar-nos por progredirmos mais neste tão importante sector hoje em dia tão esquecido?

Sim, como diz Helena White: «Ela (a amabilidade) ignora as castas, ensina o respeito por si mesmo, o respeito e a dignidade do homem e a consideração por todo o membro da família humana» (Education, pág. 246). Não faremos nós desta virtude um elemento de elevação de nós próprios e dum convívio mais fácil, mais feliz e mais fecundo com o nosso semelhante?

Não procuraremos nós esforçar-nos ainda mais para seguir o exemplo de Nosso Salvador Jesus no tocante à amabilidade? Jesus de quem E. White escreveu: «Ele nunca Se manifestou frio e inacessível. Os aflitos muitas vezes O iam buscar no Seu retiro, tomando-Lhe o precioso tempo, de que precisava para descansar e restaurar-Se; contudo eram sempre recebidos com um olhar bondoso e com palavras de conforto. Jesus foi o modelo da verdadeira cortesia».

Oxalá que todos os crentes se possam destacar cada vez mais por uma genuína amabilidade, fonte de inúmeras bênçãos que concorrem para a honra do nome de Deus, para o nosso próprio bem-estar e para a alegria dos que conosco devem conviver.

(Adaptação de J. M. Matos)

Para concluir, um facto real ocorrido em certa igreja. Um irmão perguntou ao pastor se não tencionava formar uma classe única, grande, na Escola Sabatina e seleccionar o melhor monitor para passar a lição. O pastor respondeu-lhe que não queria uma classe única em que o professor apresenta a lição sob a forma de discurso ou de sermão.

— Pastor — respondeu o irmão — para mim a Classe Única é a melhor maneira de se passar a Lição, porque não preciso de fazer nada!...

★ Por uma decisão do Supremo Tribunal da Grécia, a liberdade religiosa naquele país foi recentemente estendida aos Adventistas do Sétimo Dia, reconhecendo-se que esta Igreja é «bem conhecida» e que, de futuro, os seus ministros terão o direito à isenção militar de que goza o restante clero reconhecido.

★ Na Polónia, também recentemente, o Governo reconheceu oficialmente umas trinta Igrejas e associações religiosas, incluindo a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Este reconhecimento garante-lhes os «direitos constitucionais» de levarem a efeito as suas actividades religiosas.

★ Durante as recentes convulsões políticas em Angola, houve a lamentar a morte de um membro da Igreja, uma senhora que teve a vida ceifada por uma bala desviada da sua trajectória. Muitos escaparam miraculosamente à morte ou a ferimentos. Todos os obreiros estrangeiros foram evacuados. Os 30 000 membros ali existentes estão sob o cuidado do Pastor Pedro Matapalo e outros pastores e obreiros naturais de Angola.

★ Os obreiros portugueses evacuados de Angola foram recolocados em diversas posições. Dois obtiveram o retorno permanente e estão ao serviço da Associação Portuguesa; dois outros estão temporariamente integrados no corpo de obreiros da referida Associação, mas voltarão para Angola logo que tal seja possível. Outros estão seguindo estudos em seminários nossos durante o corrente ano escolar, e um obreiro foi designado para trabalhar em Cabo Verde.

★ O Centro Educacional da Manga, perto da cidade da Beira, que se destinava a ser o Seminário para os futuros obreiros moçambicanos, acabou por ser infelizmente nacionalizado, apesar dos esforços feitos no sentido de o manter para a finalidade inicialmente prevista. Enquanto no Sul se têm levantado dificuldades, havendo notícias de alguns obreiros terem sido presos, é encorajante notar que o congresso se realizou como habitualmente em Munguluni, Missão do Norte, onde se concentra o maior número de membros adventistas do sétimo dia.

★ O colportor-evangelista australiano A. G. Barlow, que se havia estabelecido em Timor Português em 27 de Junho passado, a fim de aprender a nossa língua e começar trabalho de evangelização naquele território, por meio da venda de literatura, não pôde demorar-se mais de 54 dias, em virtude de haver estalado a guerra civil. Foi forçado a regressar à sua terra a 10 de Agosto com a preciosa semente do Evangelho.

★ Em 11 de Setembro passado o hospital adventista e a sede da Obra no Noroeste da Etiópia, em Debre Tabor, foram saqueados. A residência do director do hospital foi incendiada. O médico foi forçado a fugir com a família de avião para Adis-Abeba. Nenhum obreiro ficou ferido. O hospital adventista de Debre Tabor fora inaugurado em 1947 e era actualmente dirigido pelo Dr. Kristian Hogganvik, um norueguês que com a sua família trabalhava há muitos anos para auxiliar médica e espiritualmente o povo daquela região do Nilo Azul. O hospital ficará temporariamente fechado até que se possam reunir fundos para a sua reparação e reequipamento.

★ O Serviço Mundial Adventista do Sétimo Dia (SAWS) e a Divisão Interamericana enviaram um primeiro auxílio de 30 000 dólares às vítimas do furacão Eloise no Porto Rico. A devastação deixou 10 000 pessoas sem lar, das quais 500 adventistas. Dois adventistas foram dados como desaparecidos. A pedido da SAWS, a Guarda Costeira dos E. U. A. enviou um avião a Nova Iorque para carregar cinco toneladas de roupas de cama e agasalhos e transportá-los para o Porto Rico.

★ Segundo informações directas fornecidas pelo Pastor Teófilo Ferreira, abriu no passado mês de Outubro em Jerusalém uma biblioteca adventista para os árabes, com livros em inglês e francês e uma sala para leitura. Também desde Setembro passado que funciona uma série de cursos de línguas na Missão de Israel, como meio de estabelecer contactos e encontrar pessoas interessadas na Mensagem: Em Ramallah ensina-se inglês a três níveis e em Jerusalém também inglês a três níveis, além de francês a dois níveis, tudo isto duas vezes por semana. Há mais de 200 alunos inscritos.